



## Movimento negro no Brasil: mobilização social e educativa afro-brasileira

**Ricardo Luiz da Silva Fernandes**

*Mestrando em Ciências da Educação na área de Formação Social e Pessoal  
Universidade de Aveiro – Portugal*

*E-mail: ricfernandesrj@gmail.com*

**RESUMO:** O presente texto apresenta uma análise histórica do Movimento Negro (MN) no Brasil centrado no potencial educativo desse movimento social. Reforçamos a relevância desse grupo na afirmação e, sobretudo, na consolidação de identidades negras militantes pelas bandeiras étnicas. Devemos afirmar que o MN atua como movimento social com caráter dinâmico que sofre fortes interferências dos contextos políticos nacionais e internacionais, tendo em vista as múltiplas configurações que a luta do negro assume em contexto nacional e global. Inclusão social, inserção nos contextos políticos, valorização cultural, africanismos, são temas e questões ideológicas que irão transitar nos planos reivindicativos. Tais questões serão divulgadas pela oralidade (educação familiar e social exercida no terreiro das senzalas, nos quilombos, nas casas de santo e nos demais espaços de inter-relação política e cultural), pelos meios de comunicação específicos (jornais, letras de samba, poesias e discursos de políticos influentes) e na educação formal. Visamos identificar por meio de um estudo bibliográfico os caminhos estabelecidos pelo MN nas diferentes etapas da história dos negros no Brasil, e analisar o papel dessa educação identitária de afirmação ideológica e cultural.

**PALAVRA-CHAVE:** Movimento Negro; Educação para superação do racismo e Educação não-formal.

**ABSTRACT:** This article presents a historical analysis of the Black Movement (NM) in Brazil centered on the educational potential of this social movement. Reinforce the relevance of the group in the statement and, above all, the consolidation of identities black flags by ethnic militants. We say that MN acts as a social movement with dynamic character that suffers strong interference of national and international political contexts, with the multiple settings that the struggle of black people is in the national and global. Social inclusion, inclusion in the political, cultural, African, and ideological issues are that will transit the plans claimed. These issues will be disseminated by oral (education and family social held at courtyard of the slave quarters in quilombos in the holy places and in other areas of inter-cultural and political relationship), the specific means of communication (newspapers, letters, samba, poetry and speeches of political influence) and formal education. Aim to identify through a literature study the paths set by the MN in different stages of the history of blacks in Brazil, and analyze the role of education ideological assertion of identity and culture.

**KEY-WORDS:** Black movement; Education for overcoming racism and non-formal education.

Quantos heróis nós matamos?  
Hoje paro pra pensar na infinidade de heróis que eu deixei de ter,  
Vejo que os heróis que cultuo não são meus,  
Mas que na sua maioria são programados, automatizados.  
A divindade heróica deixou de ser sobrenatural para ser mecânica e manter o julgo de um sistema opressor.

Os heróis brasileiros não sentem dor, os heróis brasileiros...

Eles não cabem em mim, hoje posso concordar,  
Ontem eles cabiam, e eu os recebia numa posição de servidão.  
Eu menino, não me via em nenhum lugar, não tinha foco objeto ou a quem desejar.

Cultuar um negro? Deus-o livre meu netinho!  
Você é moreno não é neguinho.  
Nunca me vi em meus brinquedos, nas canções ou na tv.  
Quem eu era até hoje não sei.

Os heróis brasileiros não sentem dor, os heróis brasileiros...

Aos vinte e poucos volto a procurar um herói negro que possa cultuar.  
Um herói de resistência, preto em alma e em cor.  
Um herói forte, morto pela força de quem o aprisionou,  
Um herói que transpira ou que na terra muito já chorou.

Volto ao passado e busco meus bisavós, ou poderiam ser os seus,  
em nada iria mudar,  
Encontro uma vitória e uma dor, imaginas o quanto que esse povo sofreu e perdeu.  
Mas que sempre ergueu os olhos e lutou.

Os heróis brasileiros não sentem dor, os heróis brasileiros...  
Todo o dia te lembre do preto safado,  
que no eito e no trabalho conseguiu te fazer negão.  
Lembre da negra que calada dormia com patrão,  
por causa do silêncio conseguiu te fazer negão.  
Lembras das chibatadas, as incontáveis, que em nosso lombo nunca doeu...



Marcou...

Lembre que delas muitos dos nossos padeceram e alguns de nossos guerreiros  
morreram  
com o lombo sangrando sem dizer não  
e calar seu negro coração.

Vamos erguer monumentos a esse povo, não nas ruas, não nas praças,  
mas em nossa pele já marcada.  
Deixe pulsar o negro em você, ouça o tambor e não fique calado.

*Ricardo Fernandes*

### **Introdução:**

Com o presente artigo pretendemos elucidar o modo como o Movimento Social surge em prol da equiparação da diferença sócio-cultural existente entre brancos e negros no Brasil, na luta pela afirmação da identidade negra e no reconhecimento do processo de escravidão para a situação calamitosa em que essa população durante três séculos vivencia. Vale ressaltar que este estudo não pretende abordar todas as manifestações ideológicas e culturais negras, pois visamos fomentar um debate preliminar sobre as pretensões ideológicas do Movimento Negro (MN) enquanto organização coletiva de fortalecimento da memória afro-brasileira.

No MN, porta-voz dos descendentes dos povos africanos no Brasil, são geridas as ações de resposta ao racismo. Historicamente, surge como o espaço de obtenção de valorização de uma identidade, que mesmo após a abolição continua a ser reprimida. É um espaço onde membros marginalizados no processo social construíam suas significações e manifestavam seu pertencimento. Visando, «reverter esse quadro de marginalização no alvorecer da República, os libertos, ex-escravos e seus descendentes, instituíram os movimentos de mobilização racial negra no Brasil, criando inicialmente dezenas de grupos em alguns estados da nação» (Domingos, 2007, p. 193).

Tais mobilizações giraram em torno da auto-afirmação de um grupo excluído e

expropriado de saberes. Para sobreviver enquanto membro da sociedade escravocata ou republicana, era fundamental visualizar sua segregação como um fator mobilizador em prol de uma luta por direitos. A heterogeneidade étnica era evidente, não havia uma mobilidade para alcançar um espaço nos planos políticos, culturais e ideológicos. A alternativa seria afirmar uma identidade negra que, Kabelengue Munanga define como, «tomada de consciência de um segmento étnico-racial excluído da participação na sociedade, para a qual contribuiu economicamente, como o trabalho gratuito como escravo, e também culturalmente, em todos os tempos na história do Brasil» (Munanga, 1994, p. 187).

Existe então, uma afirmação da dívida histórica com os negros, membros da sociedade que foram imbuídos do trabalho não-remunerado envolvendo uma série de castigos corporais. A retomada da alma negra é objetivo da ação desse grupo por meio da luta contínua da liberdade. Podemos afirmar que, no Brasil, ainda hoje, as populações de origem negra estão, em termos de formação educacional, em situação de desigualdade:

O número de homens e mulheres negras nas escolas cresceu entre 1996 e 2006, segundo pesquisa do IPEA (Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada), divulgada nesta terça-feira. Mesmo assim, a diferença de entre brancos e negros continua alarmante. Segundo o instituto, no ensino fundamental a taxa de brancos e negros matriculados é quase a mesma (95,7% e 94,2%, respectivamente), mas conforme o nível sobe, crescem as desigualdades. No ensino médio, enquanto mais da metade dos brancos está na escola (58,4%), apenas 37,4% dos negros têm acesso ao estudo<sup>1</sup>.

É em prol da minimização desses abismos que as ações desse grupo promovem suas ações, fomentando atividades de incentivo a equiparação das desigualdades sócio-culturais. Nesse caminho, o MN afirma a cultura negra brasileira de origem africana e os processos de (re) significação gerados cotidianamente por seus descendentes, e luta ainda pela inclusão de sua população na sociedade ou por

---

<sup>1</sup> Folha On Line, **Desigualdade educacional entre brancos e negros**, [www.folhaonline.com.br](http://www.folhaonline.com.br) (acessado em 19 de novembro de 2008).

empregos dignos, educação e geração de políticas afirmativas que promovam esse grupo.

Apresentamos então, a seguinte definição para Movimento Negro:

Todas as entidades, de qualquer natureza, e todas as ações, de qualquer tempo [aí compreendidas mesmo aquelas que visavam à autodefesa física e cultural do negro], fundadas e promovidas por pretos e negros. Entidades religiosas [como terreiros de candomblé, por exemplo], assistenciais [como as confrarias coloniais], recreativas [como “clubes de negros”], artísticas [como os inúmeros grupos de dança, capoeira, teatro, poesia], culturais [como os diversos “centros de pesquisa”] e políticas [como o Movimento Negro Unificado]; e ações de mobilização política, de protesto anti-discriminatório, de aquilombamento, de rebeldia armada, de movimentos artísticos, literários e ‘folclóricos’ – toda essa complexa dinâmica, ostensiva ou encoberta, extemporânea ou cotidiana, constitui movimento negro (Santos, 1994, p.157).

O presente ensaio pretende apresentar as relações entre os atos de resistência dos negros escravos e a formulação do movimento negro, a militância foi formada na valorização do negro fugitivo em suas vitórias e lutas e “transfere” esse poder de invencibilidade ao negro contemporâneo, pois esta seria uma qualidade do negro e não somente do escravo. E fundamentam sua coletividade por meio de uma relação de continuidade direta entre a “resistência” do escravo e do negro contemporâneo, entre o passado e o presente.

## **1. Rebeldias e resistências**

Faz-se necessário aqui definir o que é escravidão, é em torno dessa definição que vamos centrar o debate acerca da constituição do MN, pois é na mesma que ele se construiu:

Podemos classificar uma comunidade como escravista quando o trabalhador escravizado é considerado uma mercadoria; quando seu proprietário pode decidir onde, como e quando empregar seu trabalho; quando, ao menos em teoria, a totalidade do produto do trabalho cativo pertence ao amo e, finalmente, quando o *status* servil é vitalício e hereditário (Fiabani, 2005, p.15).

Para contextualizar o leitor, o texto contará com um debate inicial sobre a constituição da comunidade negra enquanto grupo, sobre o modo como essa identidade coletiva manifestava sua resistência. Falaremos então das manifestações de fuga no século XIX, do aquilombamento e dos atos de negação ao controle do corpo e da alma.

A escravidão permanece ainda hoje como um fator agregador para o movimento de valorização da cultura negra. É por meio dela que é justificada a diferença sócio-econômica e desvalorização cultural, para os líderes dessa militância ela é a gênese do racismo brasileiro e também o ponto aglutinador do “SER” negro. Citamos abaixo o depoimento de Abdias Nascimento (2002) ícone ideológico e político do MN:

Evocar o tráfico, lembrar constantemente a escravidão, deve constituir para os brasileiros uma obrigação permanente e diária, sem que isso represente nenhuma forma de autoflagelação patológica e muito menos o extravasamento de um pieguismo lacrimogênio. Esta hipótese está muito distante da minha proposição. O que quero dizer é que o tráfico e escravidão formam parte inalienável do ser total dos afro-brasileiros. Erradicá-los da nossa bagagem espiritual e histórica é o mesmo que amputar o nosso potencial de luta libertária, desprezando o sacrifício dos nossos antepassados para que nosso povo sobrevivesse (Nascimento, 2002, p.98).

A evocação da ancestralidade, a morte de seus antepassados não deve perder significado. Os jovens negros devem assumir o passado e lutar por fortalecimento étnico, visando a superação da escravidão, afirmação no presente e a construção de um futuro. Assim, «nesta força básica de identidade é que o negro deve-se unir com o negro, e não apenas ao apelo de interesses mesquinhos ou de sentimentos destruídos de valor» (Nascimento, 2009, p. 99). Devendo exercer essa união por meio da compreensão das heterogeneidades imbuídas na negritude. Tal posição é fundamentada na diversidade de grupos étnicos que vieram para as terras brasileiras, o que resultou na diversificação dos signos culturais. Havia no século XVI no Brasil uma rica reconstituição das culturas existentes em África e ainda hoje é possível notar isso por meio da pluralidade cultural.

A união do MN é configurada na escravidão e na luta pela superação dos valores depreciativos ali emergidos. Mas, como Karash (2000, p. 120) apresenta o fluxo de escravos no Rio de Janeiro, foi mecanismo de segregação e de fortalecimento da dominação corporal «os senhores de escravos em geral ignoravam as origens regionais dos escravos brasileiros [...] em poucos casos a origem provincial assumia precedência, mas, para a maioria deles, a cor era sua “nação”». É por meio desse paradoxo que são formuladas as primeiras construções da identidade negra. Para construir a identidade coletiva era necessário interagir em meio a segmentação cultural e compreender a diversidade inerente as diversas tribos advindas da África.

Tal afirmação é fundamentada no modo como eram organizadas as chegadas dos escravos novos, propositalmente, ainda nos navios negreiros, as etnias eram misturadas no mesmo espaço. Assim, grupos que manifestavam afinidades culturais distantes, língua diferente e até mesmo rivalidades recebiam por força a obrigação de conviver.

Isso é notável no instante da comercialização, onde os lotes que apresentavam a maior quantidade de etnias e que proviam dos ambientes mais interiores, ou que eram Ladinizados (havia tido contato com a cultura do colonizador) possuíam maior valor de mercado. Tais dados podem ser encontrados nos estudos de Karash (2000) em que podemos afirmar uma estrutura de dominação cultural presente no regime colonial brasileiro.

Para os mantenedores do regime escravocrata, tal sistema de controle dos corpos alargaria o fluxo dessa mercadoria e segmentária de maneira relevante o senso coletivo do grupo dominado. Mas, mesmo com esse esquema de segregação, os negros conseguiram formular meios de resistir, por meio do suicídio, da fuga individual e da fuga em grupos:

Mesmo depois de anos vivendo como escravos no Rio, sonhavam em retornar a África, como o carpinteiro que construiu sua casa de frente para o oceano e a África. Uns poucos conseguiam comprar passagem de volta, mas a maioria tinha de se consolar com a crença de que após a morte retornariam ao lar (Karash, 2000, p.35).



O dilaceramento da identidade levou centenas de negros a optarem pela morte, pois de acordo com a crença de algumas etnias, levaria ao retorno a África dos ancestrais. Por exemplo, para os lorubás, grupo étnico da Angola, Ilê Ifé<sup>2</sup> o berço da humanidade seria o encontro das almas com a ancestralidade. A ausência da penitência após a morte e o encontro com sua cultura tradicional são alguns dos fatores que impulsionava essa decisão.

Citamos o suicídio por acreditamos que é um mecanismo de afirmação identitária, individual e coletiva. Individual por responder inicialmente a fuga do sofrimento existente no cativeiro, mas coletiva quando encontra na morada das divindades, sua cultura materna e tradicional. O fato de poder voltar a sua cultura ancestral e de vivenciar novamente seu rito é uma busca por reviver sua coletividade e de afirmação de sua identidade de grupo.

Quanto as fugas individuais, podem ser definidas em repulsão imediata frente a impossibilidade de manifestação da sua historicidade. Ser proibido de falar sua língua materna, abandonar suas crenças, mitos e canções, impulsionavam os escravos para uma tentativa quase que sem sucesso de encontrar um pedaço da África em terras brasileiras. Muitos escravos fugiam muitas vezes e sem obter sucesso (Karash, 2000, p.115).

Tais atos, mesmo que de maneira isolada, movimentaram a organização de estratégias de fuga do regime de escravidão. O fato de assistir um escravo fugitivo ser açoitado em meio a senzala junto aos demais, mobiliza uma resposta e o saber da lenda de um outro que conseguiu fugir, traz a tona a repulsão e um senso de liberdade enquanto membro daquele grupo social.

Tudo isso, se somado a historicidade, mesmo que diferente em cada etnia, encontra um espaço para o agrupamento e respondendo as questões acima

---

<sup>2</sup> A cidade de Ilê-Ifé é considerada pelos yorubas o lugar de origem de suas primeiras tribos. Ifé é o berço de toda religião tradicional yoruba (a religião dos Òrisà, o Candomblé do Brasil) ,é um lugar sagrado, onde os deuses ali chegaram, criaram e povoaram o mundo e depois ensinaram aos mortais como os cultuarem, nos primórdios da civilização. Ilê-Ifé é o "Berço da Terra".

levantadas, podemos frisar esses atos de resiliência como propulsores do Movimento Negro.

## **2. Quilombos: Insurreição coletiva em prol da liberdade**

Devemos frisar que os Quilombos foram os primeiros atos de afirmação coletivos de negação da escravidão e de acolhimento dos sujeitos dominados. Os aquilombamentos surgiram como um espaço de agregação étnico cultural e formularam uma cultura negra peculiar. Era a oportunidade de criar pequenos pedaços da África no Brasil. Podemos dizer que:

a fuga era uma negação da sociedade oficial, que oprimia os negros escravos, eliminando a sua língua, a sua religião, os seus estilos de vida. O Quilombo era uma reafirmação da cultura e do estilo de vida africanos, organizados aos moldes dos estados africanos... um fenômeno conta-aculturativo, de rebeldia contra os padrões de vida impostos pela sociedade oficial e de restauração dos valores antigos (Fiabani, 2005, p.30).

Surgindo assim, em meio às florestas (a mata escondia os escravos fugitivos e fornecia sustento), às margens da sociedade colonial as comunidades quilombolas, ocupavam lugares em que os escravos fugidos podiam vivenciar seus ritos. Por isso, muitos traços da cultura tradicional ainda foram mantidos, o contato limitado com as forças detentoras do poder não atingiu a auto-estima dessa população nesse espaço de “proteção” cultural.

Havia então emergido uma nova sociedade dentro do sistema colonial, crescendo a margem do regime escravista as comunidades quilombolas exerceram um papel cultural relevante na formação do simbolismo afro-brasileiro. Podemos relatar o surgimento de técnicas agrícolas, organização política e uma efervescência religiosa, ideológica e cultural.

Fiabani (2005) e Karash (2000) definem a comunidade quilombola como uma república negra, com organização política. No caso do Quilombo dos Palmares, caracterizado como o maior caso de resistência a escravidão, havia votações para a

escolha da liderança. O Zumbi, líder dos mocambos (algumas comunidades era subdividas em pequenas glebas), era escolhido pela comunidade e deveria governar enquanto viver.

A força desse sistema era tal que exercia uma ampla rede de trocas comerciais com os produtores da área, a base da agricultura era familiar, mas os excessos eram cambiados por armamentos de defesa. Fiabani (2005) apresenta o poderio de resistência armada desse grupo e as atividades de pilhagens a fim de resgatar demais negros das fazendas vizinhas.

A figura de Zumbi dos Palmares é hoje o ícone maior dos movimentos de valorização da cultura negra, é visto como um herói que conseguiu alimentar o sonho de liberdade. Existe uma peregrinação de militantes nas terras onde se estabeleceu o quilombo.

Para os militantes da atualidade, o Quilombo é um espaço de efetivação da cultura negra, a idéia de ajuntamento e agregação fortalece o caráter de movimentação coletiva, mas que parte da opção individual de evadir do sistema escravista e buscar sua liberdade. Era necessário crer nesse ambiente e tomar a decisão de ingressar nessa reconstituição da historicidade.

Os quilombos se projetaram como impulsionadores da queda do regime escravista, pois do ponto de vista econômico eram nocivos a manutenção das monoculturas de exportação. A perda da mão-de-obra, os roubos nas produções e os oneramentos com exércitos, enfraqueceram o sistema e desvalorizaram a escravidão, pois:

Enquanto vigora a escravidão, os quilombos cumprem a função de abrigar as populações negras, configurando um tipo de resistência. Finda a escravidão, e sabemos que a lei Áurea só vem formalizar uma realidade conquistada pelas populações negras uma vez que quase todos os escravos já se haviam liberto quando da assinatura da lei, os quilombos serão o único espaço onde muitos negros, excluídos pela nova ordem que se configura, poderão sobreviver física e culturalmente. Os quilombos continuam representando a resistência negra (Fiabani, 2005, p.29).

A força ideológica do quilombo foi frisada nessa capacidade relevante de se manter como espaço de proteção das peculiaridades culturais afro-brasileiras. Seja no período pré-abolição ou no tempo da assinatura da lei Áurea, podemos identificar os frutos dessa proteção na atualidade. Quando os recém libertos iam exercer sua liberdade, se perceberam ainda a margem no ambiente social, como alternativa a segregação surge a continuação da segregação coletiva.

A identidade quilombola é uma posição ideológica e pode ser definida como uma mobilização do Movimento Negro no período colonial que se estende até a atualidade. Citamos por exemplo, as comunidades de remanescentes de quilombo contemporâneas e suas lutas por permanência em seus territórios. E, sobretudo, o caráter educativo dessa resistência para a fundamentação do MN.

### **3. Considerações Finais: um olhar sobre a atualidade**

Do ponto de vista histórico podemos definir a gênese do Movimento Negro organizado na República (1889-1937), isso se deve ao fato do Movimento quilombola ser considerado um ato ilegal, pois feria as normas da sociedade estabelecida. Na proclamação da república, e com a libertação, os negros que desejavam inserção social, se organizaram:

De cunho eminentemente assistencialista, recreativo e/ou cultural, as associações negras conseguiam agregar um número não desprezível de “homens de cor”, como se dizia na época. Algumas delas tiveram como base de formação “determinadas classes de trabalhadores negros, tais como: portuários, ferroviários e ensacadores, constituindo uma espécie de entidade sindical” (Cunha, 1992).

Ao mesmo tempo, surgem as imprensas dos “homens de cor”, servindo de suporte para a divulgação de teses que denunciavam a marginalização. Podemos dizer, que iniciava um processo de fundação de uma sociedade paralela nas margens da República:

Esses jornais enfocavam as mais diversas mazelas que afetavam a população negra no âmbito do trabalho, da habitação, da educação e da saúde, tornando-se uma tribuna privilegiada para se pensar em

soluções concretas para o problema do racismo na sociedade brasileira. Além disso, as páginas desses periódicos constituíram veículos de denúncia do regime de “segregação racial” que incidia em várias cidades do país... Nesta etapa, o movimento negro organizado era desprovido de caráter explicitamente político, com um programa definido e projeto ideológico mais amplo (Domingues, 2007, p.105).

A Frente Negra Brasileira (FNB), surge na década de 1930, enquanto grupo político. Contando com planos de lutas organizadas, e com mobilizações de mulheres negras, conseguindo correligionários em todo país, «na primeira metade do século XX, a FNB foi a mais importante entidade negra do país» (Domingues, 2007, p.106).

Domingues (2007, p.117) apresenta três momentos para o MN no Brasil, na República de (1889-1937), no Estado Novo de Getúlio Vargas (1945-1964), e no pós-ditadura militar (1978-2000). Assim, a organização social foi sendo reformulada, visando responder as opressões raciais e suprimir o racismo. Exercendo, sobremaneira, um papel educativo e mantenedor das peculiaridades Negras.

Nestas fases, as manifestações populares eram um espaço de suporte para as identidades ideológicas, por exemplo, podemos citamos o samba e a religião afro. Espaços fundamentais por atuarem como veículos educativos e aglutinadores. Alicerçadas na ancestralidade africana e afro-brasileira, vão além da expressão corporal e conseguem reforçar o senso coletivo dos descendentes de escravos.

Nas escolas de samba, os desfiles, as reuniões, eram um espaço lúdico em que sempre havia a presença das figuras do movimento negro e ao mesmo tempo a inserção reivindicações identitárias. No carnaval, colocar a escola de samba nas ruas era uma forma de por alguns dias, sufocar a cultura padrão e apresentar a cultura negra.

Nas casas de santo (local onde são realizados os rituais religiosos negros) as figuras de referência, que exercem a formação espiritual, colaboram para a fundamentação do pensamento ideológico. Por meio da valorização religiosa e cultural, educa seus devotos para uma atuação política.

Atualmente, vemos que esses espaços de formação de uma identidade



Revista África e Africanidades – Ano 2 - n. 6 - Agosto. 2009 - ISSN 1983-2354  
[www.africaeaficanidades.com](http://www.africaeaficanidades.com)

coletiva, conseguiram exercer seu papel. O MN não terminou, e se manifesta de maneira expressiva dentro do espaço político brasileiro. As desigualdades raciais persistem, e o racismo ainda não foi silenciado. Mas, devemos aqui afirmar a importância desses atos de negação a dominação para a superação dessas barreiras e na afirmação da negritude.

Revista África e Africanidades – Ano 2 - n. 6 - Agosto. 2009 - ISSN 1983-2354  
[www.africaeaficanidades.com](http://www.africaeaficanidades.com)

## REFERÊNCIAS

Santos, J.R. **Movimento negro e crise brasileiras**. Ministério da Cultura/Fundação Cultural Palmares: Brasília, 1994.

Nascimento, A. **O Quilombismo**. Rio de Janeiro: Fundação Cultural Palmares, 2002

Munanga, K. Identidade, cidadania e democracia: algumas reflexões sobre os discursos antirracistas no Brasil. In: SPINK, Mary Jane Paris (Org.) **A cidadania em construção: uma reflexão transdisciplinar**. São Paulo: Cortez, 1994.

Fiabani, A. **Mato, palhoça e pilão: O quilombo, da escravidão às comunidades remanescentes [1532-2004]**. São Paulo: Expresso Popular, 2005.

Cunha, H. **Textos para o movimento negro**. São Paulo: Edicon, 1992.

Domingos, P. **Movimento Negro Brasileiro: alguns apontamentos históricos**. Paraná: Unioeste, 2007.

Folha On Line. **Desigualdade educacional entre brancos e negros**. [www.folhaonline.com.br](http://www.folhaonline.com.br) (acessado em 19 de novembro de 2008).

Karasch, M.C. **A Vida dos Escravos no Rio de Janeiro (1808-1850)**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

Garcia, L. G. **Direitos das minorias: democracia universal e direitos particulares**. Paraíba: Revista Tesseract, 2004.